

País tem deflação depois de 9 meses, e mercado prevê corte de 0,25 nos juros

IPCA CAI 0,08%

PRIMEIRA DEFLAÇÃO EM 9 MESES

País tem queda de preços em junho, e analistas veem corte de juro de 0,25 ponto

CAROLINA NALIN, REINAN MONTEIRO E ELIANE OLIVEIRA reinaldo@oglobo.com.br

Com alívio em produtos como alimentos e combustíveis, o IPCA, que mede a inflação oficial no país, registrou a primeira deflação em nove meses: o índice teve queda de 0,08% em junho. Nos últimos 12 meses, o IPCA acumulou alta de 3,16%. Trata-se da menor taxa desde setembro de 2020 e abaixo do centro da meta de inflação deste ano, de 3,25%.

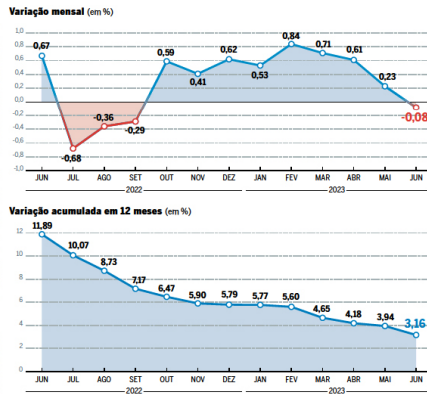
Apesar da perda de fôlego da inflação nos últimos meses, analistas avaliam que o espaço para corte de juros ainda é restrito que o Comitê de Política Monetária (Copom) deve anunciar em sua próxima reunião, marcada para agosto, uma redução de 0,25 ponto percentual. A taxa básica está atualmente em 13,75% ao ano.

CARRO POPULAR

Alguns fatores contribuem para a cautela do mercado. Em junho, a queda nos preços de automóveis novos e usados foi determinante para que o índice registrasse deflação. Se estes itens fossem excluídos da cesta de produtos, o IPCA teria encerrado com alta de 0,03%. A queda nos preços de automóveis foi resultado do programa temporário de descontos para incentivar a compra de carro popular.

Os resultados mostram uma melhora de cenário, mas com fatores de preocupação. De um lado, o chamado índice de difusão, que mede a quantidade de itens que subiram de preço na pesquisa, ficou em 50% em junho, o menor percentual desde maio de 2020. Mas, na direção contrária, os preços de serviços aceleraram: saíram de 0,06% em maio para 0,62% no mês passado. O dado inicial serviços demão de

O COMPORTAMENTO DO ÍNDICE



Fonte: IBGE - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

Maiores altas

- Passagem aérea: 10,96%
- Taxa de água e esgoto: 1,69%
- Condomínio: 1,67%
- Empacotamento e entrega: 1,61%
- Energia elétrica residencial: 1,43%
- Cabeleireiro e barbeiro: 1,04%

Maiores quedas

- Óleo de soja: -8,96%
- Óleo diesel: -6,68%
- Etanol: -5,11%
- Gás de botijão: -3,62%
- Leite longa vida: -2,68%
- Automóvel novo: -2,76%

deve continuar, mesmo com o início dos cortes, com uma cobrança pela redução mais acuminada. Até o momento, palavras como "parcimônia" são corriqueiras nos pronunciamentos oficiais da autarquia.

Na visão de um integrante da equipe econômica, a difusão da inflação mostra condições para queda de juros. Segundo a fonte, tudo está convergindo para um espaço de queda mais veloz da taxa, mas pondera que a decisão do BC. A mesma fonte cita a inflação dos produtos no atacado, em tendência de queda. A avaliação deste integrante da equipe é que seria "absolutamente possível" uma Selic abaixo de dois dígitos no primeiro semestre de 2024.

ALIMENTOS E TRANSPORTES

No mês passado, alimentos e transportes puxaram o índice para baixo. O grupo Alimentação recuou 1,07%, puxado pela queda na alimentação no domicílio. Os preços do óleo de soja caíram 9%, enquanto o custo de frutas, leite longa vida e carnes ficaram entre 2% e 3% mais baratos.

Nos últimos meses, os preços dos grãos, como a soja, caíram. Isso impactou o preço do óleo de soja e indiretamente os preços das carnes e do leite. Essas commodities são insumos para a ração animal, e um preço mais baixo contribui para reduzir os custos de produção—explica André Almeida, analista da pesquisa.

Em Transportes, uma queda de 0,41% foi puxada pela retração nos preços de automóveis novos (2,76%), dos carros usados (-0,93%) e combustíveis (-1,85%), incluindo quedas do óleo diesel, do etanol, do gás veicular e da gasolina. A queda do combustível está atrelada à redução dos preços da gasolina pela Petrobras.

obra e estética, mais ligados ao mercado de trabalho e aos salários. São itens menos sujeitos ao sobe-e-desce e cuja alta custa a se dissipar.

Para Luiza Benamor, analista de inflação da Tendências Consultoria, a valorização do real contribui para que alimentos e bens industriais ficassem menos pressionados em junho, mas o cenário pede cautela por parte do Banco Central (BC). Luiza pondera que os preços menos sujeitos à oscilação, que compõem o núcleo da inflação, ainda seguem em patamar alto, de 5,8% em 12 meses em seus cálculos, enquanto o IPCA está em 3,16%

no período (leia mais abaixo). —A leitura de julho demandará um pouco de cautela para controlar o otimismo que vimos nas últimas semanas. A queda de juros vai poder se intensificar a partir de setembro, puxada pela melhora nas expectativas de inflação para 2023 e 2024 e para as de longo prazo, que foram influenciadas pela decisão do Copom de manter a taxa (em junho).

O economista André Perfeito estima que a redução será de 0,5 ponto, em bora a maioria do mercado projete um corte mais tímido da taxa.

Para Daniel Cunha, estrategista da BGC Liquidez, o

BC deve fazer um corte de 0,25 ponto em agosto: — Serviços mostram uma dinâmica ainda longe de dar conforto adicional para o Banco Central.

Ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a criticar o BC, atribuindo a manutenção dos juros em junho à "teimosia" do chefe da autarquia, Roberto Campos Neto.

— As pessoas estão ficando mais otimistas, a inflação está caindo e logo logo vai começar a baixar a taxa de juros, porque o presidente do Banco Central é teimoso, tímido, não tem mais explicação (para a Selic em 13,75%) — disse o presi-

dente, em live semanal. Integrantes da equipe econômica avaliam que o corte de 0,25 ponto ajudará a acalmar os ânimos, principalmente de Lula, porque o cenário anterior era de ameaça de aumento dos juros. Esse risco foi citado em vários comunicados do BC este ano, até o último encontro do Copom, quando o trecho foi retirado da Ata.

O grande problema, dizem, é que mesmo que os juros caiam 0,25 ponto ou 0,5 ponto, o juro real (que desconta a inflação) continuará alto e com efeitos fortes sobre o crescimento econômico.

Por isso, a pressão sobre o BC

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11